

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A Importância da Arqueologia na Pesquisa Acadêmica

batistapioneira.edu.br

III Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2025.v3.003



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A UNIÃO DOS IRMÃOS SOB A UNÇÃO DE ARÃO: INTERPRETAÇÃO DA DO SALMO 133

The unity of brothers under Aron's anointing: an interpretation of the in Psalm
133

Carlos Eduardo Carriel¹

RESUMO

Esta pesquisa analisou o Salmo 133 sob a perspectiva teológica e literária, com ênfase na unção sacerdotal como imagem da comunhão fraterna. Utilizou-se uma abordagem dedutiva com base em revisão bibliográfica e na Análise Retórica Bíblica Semítica. O trabalho foi dividido em cinco eixos: contexto histórico, interpretação exegética, críticas às interpretações equivocadas, análise retórica e aplicação cristã. Destacou-se a estrutura quiástica do Salmo e a repetição da raiz *yarad*, evidenciando o movimento descendente da bênção divina sobre a unidade dos irmãos. A investigação concluiu que a fraternidade, para além de um ideal ético, foi apresentada como dom sagrado e espaço privilegiado da manifestação de Yahweh. No contexto cristão, reforçou-se a legitimidade do livro dos Salmos à luz da referência feita por Jesus em Lucas 24.44, reconhecendo-o como Escritura inspirada e portadora de sentido messiânico.

Palavras-chave: Salmo 133. Unidade. Bênção. Sacerdócio. Análise Retórica Bíblica Semítica.

ABSTRACT

This research analyzed Psalm 133 from a theological and literary perspective, with emphasis on the of priestly anointing as an image of fraternal communion. A deductive

¹ Mestrando em Teologia - FABAPAR - PR. Pastor na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Sorocaba - SP. Bacharel em Farmácia, Especialista em Farmácia Industrial, Especialista em Assuntos Regulatórios de Registro de Medicamentos e Cosméticos, Especialista em Farmacologia Clínica Direcionada à Prescrição Farmacêutica. Bacharel em Teologia Livre. Professor de Teologia no CECADS (Sorocaba / SP). E-mail: wanelfarma@gmail.com

approach was employed based on bibliographic review and the method of Semitic Biblical Rhetorical Analysis. The work was structured around five main axes: historical context, exegetical interpretation, critiques of misinterpretations, rhetorical analysis, and Christian application. Particular attention was given to the chiasmic structure of the Psalm and the repetition of the root yarad, highlighting the downward movement of divine blessing upon the unity of the brothers. The study concluded that fraternity, beyond being an ethical ideal, is presented as a sacred gift and a privileged space for the manifestation of Yahweh. In the Christian context, the legitimacy of the Book of Psalms was reaffirmed in light of Jesus' reference in Luke 24:44, recognizing it as inspired Scripture with a messianic significance.

Keywords: Psalm 133. Unity. Blessing. Priesthood. Semitic Rhetorical Analysis.

INTRODUÇÃO

O Salmo 133 integra os quinze “Cânticos das Subidas” (SI 120-134), grupo litúrgico associado às peregrinações a Jerusalém nas grandes festas judaicas. Essa coleção, vinculada também, simbolicamente, aos quinze degraus do templo, reflete uma espiritualidade popular marcada por simplicidade teológica, uso do nome Yahweh e ênfase na bênção e na comunhão. Embora esses Salmos tenham, possivelmente, origens diversas e, na sua maioria, autores anônimos, foram reunidos posteriormente como expressão da piedade dos peregrinos rumo a Sião. Com estilo breve, o Salmo é considerado um dos mais belos da Bíblia, exaltando a comunhão fraterna como uma experiência essencial e prazerosa da vida em comunidade, celebrada em diversos contextos de encontro e espiritualidade do povo de Deus, contrastando-se com a melancolia do Salmo 88 para ressaltar sua mensagem.²

Kidner entende que, os quinze Cânticos dos Degraus, dos quais quatro são atribuídos a Davi (122, 124, 131, 133) e um a Salomão (127), são seguidos por uma explosão de louvor culminando nos cinco Salmos (146-150), todos começando e terminando com “Aleluia!” (Louvai ao Senhor). Além disso, a tradição judaica agrupa os Salmos (113-118), conhecidos como o “Hallel egípcio”, para serem usados na Páscoa. O “hino” cantado na última ceia (Mc 14.26) provavelmente fazia parte desse Hallel.³

Este trabalho não tem a pretensão de ser exaustivo, mas propõe-se a oferecer uma análise concisa da interpretação do Salmo 133, destacando também sua relevância para os cristãos. A pesquisa adota uma abordagem predominantemente dedutiva, valendo-se de um método hermenêutico fundamentado na Análise Retórica Bíblica Semítica. Serão examinados textos das Escrituras, bem como fontes secundárias, como artigos acadêmicos, obras teológicas e comentários bíblicos. A metodologia permitirá compreender o papel do Salmo 133 na liturgia de Israel e refletir sobre sua aplicabilidade contemporânea.

² PERONDI, Ildo; CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. Quando se vive como irmão há bênção e vida para sempre! Uma análise do Salmo 133. *Estudos Bíblicos*, v. 31, n. 122, p. 175-188, abr./jun. 2014, p. 176.

³ KIDNER, Derek. *Salmos: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p. 400. Vol. 2.

1. CONTEXTO HISTÓRICO E A FRATERNIDADE NAS PERIGRINAÇÕES

O Salmo 133 situa-se no contexto do pós-exílio babilônico, quando os judeus retornavam a Jerusalém e buscavam restaurar não apenas o templo, mas também a unidade nacional e espiritual. Como um dos Cânticos dos Degraus, provavelmente era entoado durante as peregrinações a Sião, refletindo o ideal de comunhão fraterna entre os membros do povo de Deus, especialmente num período em que as tribos buscavam reconstruir sua identidade comum após a dispersão.

Kraus argumenta que a coletânea dos Cânticos dos Degraus apresenta uma linguagem que mistura formas arcaicas e expressões novas, revelando composições de diferentes épocas, especialmente do período pós-exílico, e refletindo a excelência poética dos judeus repatriados. Esses Salmos evocam a tradição das peregrinações a Jerusalém nas grandes festas anuais, constituindo uma memória litúrgica e afetiva central na vida das famílias israelitas:

Porém, no exato momento de iniciar a jornada de peregrinação, podia-se ouvir: “Venham, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó!” (Is 2.3 - NVI). “Que alegria quando me disseram: Vamos à casa do Senhor!” (Sl 122.1 - NVI). Em uma partitura escatológica, Isaías 2.2 e seguintes descrevem a multidão e a reunião, como costumava ocorrer imediatamente antes dos dias festivos. Os peregrinos aceitavam alegremente todos os muitos desconfortos do caminho. Tinham que atravessar regiões secas (Sl 84.7 - NVI), carregando animais destinados ao sacrifício e oferendas (Jr 41.5 - NVI). Mas o ritmo de seus corações se acelerava à medida que se aproximavam do lugar da presença do Deus vivo (Sl 84.2,8 - NVI).⁴

Para Schökel, o Salmo 133 evoca o tema da fraternidade tanto em sentido familiar quanto nacional, sendo relevante para múltiplas situações históricas, como a cisão entre os reinos ou o retorno do exílio. Ainda que comentadores tentem identificar quais “irmãos” são referidos no verso inicial, o Salmo mantém-se propositalmente aberto, servindo como exortação universal à convivência fraterna no povo de Deus. Após uma exclamação inicial de tom jubiloso, o Salmo 133 utiliza duas comparações, o óleo perfumado e o orvalho abundante, para expressar poeticamente a beleza da fraternidade. O salmista não descreve uma situação concreta, mas evoca uma atmosfera sensorial e envolvente, como a de uma grande família unida, usando imagens que apelam ao olfato e ao tato para transmitir uma sensação de harmonia indescritível.⁵

2. INTERPRETAÇÃO DO SALMO 133

O Salmo 133 é um cântico que exalta a união fraterna como expressão divina. Sua interpretação destaca a comunhão entre os irmãos como condição para a manifestação da presença de Deus, sendo frequentemente compreendido como um retrato ideal da vida em comunidade sob a Aliança. Tais elementos serão destaques nos subpontos abaixo.

⁴ KRAUS, Hans Joachim. **Los Salmos**. Salamanca: Sigueme, 1995, p. 100 (tradução nossa).

⁵ SCHÖKEL, Luís Alonso. **Salmos**. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1996, p. 1534.

2.1 União, celebração e bênção

O Salmo 133 exalta a beleza da comunhão, utilizando imagens ricas como o óleo da unção sacerdotal e o orvalho do Hermom. O texto mostra que a unidade fraterna é um dom sagrado que atrai a bênção de Deus. Mais do que um ideal ético, a união do povo é expressão da presença divina e da vida abundante que emana de Sião.

Mitchell entende que, na conclusão da Coleção, os Salmos 132 a 134 formam um tríptico de celebração e bênção. O Salmo 133 destaca-se por apresentar a união das doze tribos de Israel, mediada pelos sacerdotes aaronitas (כֹּהֲנִים, *kohanim*, “sacerdotes”), como o canal por meio do qual a bênção divina desce do céu à terra. Essa harmonia fraterna é retratada como condição para a manifestação plena da bênção de Yahweh, consolidando a paz e a prosperidade entre o povo. Nesse contexto, o Salmo representa o clímax espiritual da coletânea, exaltando a comunhão como veículo da presença e do favor divinos.⁶

2.2 Interpretações do Salmo 133

Muitos intérpretes cometeram erros ao interpretar o Salmo 133, seja por apressarem sua aplicação ao Novo Testamento sem considerar o contexto original, seja por evitarem aplicá-lo por medo de abuso hermenêutico. Agostinho e Jerônimo interpretaram o Salmo como uma defesa da vida monástica. Agostinho aplicou o texto à união da igreja primitiva e viu na “barba” um símbolo de maturidade espiritual, enquanto Jerônimo afirmou que a unidade proposta no Salmo só é plenamente possível na vida monástica, alegorizando os elementos do texto como símbolos de Cristo e da comunhão dos fiéis com Ele.⁷

Entre os reformadores, Lutero interpreta o “orvalho do Hermom” de forma mística, associando-o a Cristo como aquele que se fez maldição e excomunhão por nós, chamando os cristãos de (*Hermonin*), o plural de Hermom. Já Calvino, ainda que centrado no método histórico-gramatical, também recorre a imagens simbólicas ao afirmar que a paz de Cristo, representado pela cabeça, se estende à Igreja como a barba e a gola de suas vestes. Por outro lado, intérpretes histórico-críticos, como Kraus, enfrentam dificuldades com o texto do Salmo e propõem emendas. Kraus, por exemplo, considera “sobre os montes de Sião” uma imagem poética absurda e sugere a tradução “o orvalho do Hermom que desce aos campos secos”, buscando uma coerência topográfica.⁸

Kidner argumenta que, algumas traduções antigas interpretaram erroneamente a “gola” das vestes de Arão como “orla”, sugerindo uma inundação em vez de uma unção. No entanto, o Salmo transmite, sem exageros, a ideia de um povo diversificado, porém unido, onde a bênção divina não é privilégio de poucos, mas se espalha como o óleo sagrado, da cabeça às vestes, com sua fragrância perfumada, simbolizando a santificação coletiva. Do mesmo modo,

⁶ MITCHELL, David C. **The Songs of Ascents**. Cambridge: James Clarke & Co, 2015, p. 15, tradução nossa.

⁷ MEISTER, Mauro. Salmo 133: interpretando o texto numa perspectiva bíblico-teológica. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 115–133, 2003, p. 115. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/2_Salmo_133_Mauro_Meister.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

⁸ MEISTER, 2003, p. 116.

o orvalho do Hermom, embora vindo de uma grande montanha, também refresca o modesto monte Sião, indicando que tanto grandes quanto humildes compartilham da mesma bênção.⁹

2.3 Tipo e estrutura do Salmo 133

A maioria dos estudiosos reconhece no Salmo 133 uma dimensão sapiencial, enfatizando sua origem em contextos familiares e populares, com vocação para preservar laços de parentesco e promover a convivência harmoniosa. Embora haja divergências quanto à datação e ao gênero literário, variando entre poema didático e anúncio de bênção, prevalece a ideia de que o Salmo celebra a união fraterna como espaço de sentido e manifestação da bênção divina.¹⁰

Para Schökel, o Salmo, embora não inicie com a palavra típica das bem-aventuranças, apresenta-se como tal, combinando afirmação, comparação e teologia em linguagem concisa e memorável. Localizado no fim dos Cânticos de Degraus, ele retoma o tema da paz, anteriormente associada a Jerusalém e à família, agora aplicada à fraternidade comunitária, ampliando seu valor pela posição estratégica no Saltério.¹¹

2.4 Análise Retórica Bíblica Semítica

A estrutura poética do Salmo 133, é composta por versos elegíacos e estíquios desiguais, caracteriza-se pelo uso do ritmo gradual e pela repetição de expressões, elementos típicos da poética semítica. Tais recursos retóricos, como paralelismos, antíteses e quiasmos, justificam a aplicação da Análise Retórica Bíblica Semítica, que evidencia a função de insistência e a beleza do ritmo interno do Salmo.¹²

Schökel argumenta que, o Salmo inicia-se com uma exclamação sapiencial, evocando a harmonia fraterna em contraste com narrativas bíblicas de separação. Sua composição poética alterna ritmo regular e repetições, criando uma cadência meditativa. As imagens do perfume e do orvalho remetem à alegria e à fertilidade, enquanto o nome Sião, associado à aridez, ressoa foneticamente com o “mandato” divino, enriquecendo a interpretação simbólica do texto (Pv 27.9; Is 35.1; Jr 51.43 - ACF).¹³

Chama atenção, no Salmo 133, a repetição da raiz טַרַּד (*yarad*) – “descer”. A forma טַרַּד (*yôred*) é o particípio masculino singular dessa raiz, indicando uma ação contínua ou habitual: “está descendo” ou “que desce”. Trata-se de uma forma verbal carregada de movimento do alto para baixo, revelando direção, origem e destino. Segundo Gonzaga, na poética bíblica, a repetição não indica pobreza linguística, mas cumpre funções reforçativa, memorativa e estruturante, sendo essencial para a assimilação da mensagem e a manutenção do foco temático. No âmbito da Análise Retórica Bíblica Semítica, figuras como paralelismos, quiasmos

⁹ KIDNER, 1981, p. 462.

¹⁰ PERONDI; CATENASSI, 2014.

¹¹ SCHÖKEL, 1996, p. 1533.

¹² VIEGAS, Alessandra Serra; GONZAGA, Waldecir. Salmo 121: YHWH está sempre a guardar! Por isso vou cantar! Análise retórica: tecendo uma “costura” que enlaça e une. **Cuestiones Teológicas**, Medellín-Colombia, v. 46, n. 106, p. 196-222, jul./dez. 2019, p. 199.

¹³ SCHÖKEL, 1996, p. 1536.

e repetições organizam o texto e podem indicar que o centro da mensagem está no meio da composição, e não necessariamente no final.¹⁴

2.5 Estrutura quiástica

Para VanGemerem, esse Cântico de Ascensão é frequentemente classificado como um Salmo litúrgico de bênção ou um Salmo sapiencial, devido à sua linguagem poética e à fórmula “quão bom e quão agradável”. Sua origem e data são incertas, mas alguns estudiosos, como Stig Norin, sugerem que foi composto durante o reinado de Ezequias, num contexto de tensões entre Israel e Judá. A estrutura quiástica do Salmo é marcada por paralelismos de bênção e comparação, refletindo padrões que organizam o conteúdo e enfatizam a unidade fraterna como eixo teológico central (ver Quadro 1).

“Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes. Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre” (Sl 133 – ACF).

Quadro 1 – Estrutura quiástica do Salmo 133.

A – Bênção (v.1)		
	B – Comparação com o óleo (v.2a)	
		C – Ministério aarônico (v.2b)
	B’ – Comparação com o orvalho (v.3a)	
A’ – Bênção (v.3b)		

Fonte: VANGEMEREN, Willem A. **The expositor’s Bible commentary Psalms**. 2.ed. Michigan: Zondervan, 2008, p. 1270 (tradução nossa).

A – Bênção (v.1):

O salmista pronuncia uma bênção sobre aqueles que vivem em união. Durante as peregrinações, os israelitas desfrutavam de uma experiência ecumênica a caminho de Jerusalém e dentro dela. Os peregrinos vinham de diferentes estilos de vida, regiões e tribos, reunindo-se com um único propósito: o culto ao Senhor em Jerusalém. A unidade deles estava em conformidade com as normas para as três festas anuais (Êx 23.14-17; Lv 23.4-22, 33-43; Nm 28.16-31; 29.12-39; Dt 16.1-17 - ACF). Nessas festas, os israelitas celebravam sua herança comum, a redenção do Egito e o acampamento ao redor do tabernáculo no deserto (Nm 2 - ACF).¹⁵

Feitosa alerta que a bênção, tradicionalmente compreendida como um favor divino concedido diante da limitação humana, tem sido historicamente relacionada a aspectos fundamentais como saúde, trabalho e relações familiares. Contudo, no espírito

¹⁴ GONZAGA, 2023, p. 11.

¹⁵ VANGEMEREN, Willem A. **The expositor’s Bible commentary Psalms**. 2.ed. Michigan: Zondervan, 2008, p. 1272, tradução nossa.

contemporâneo, observa-se uma ressignificação desse conceito, cada vez mais vinculado à conquista de bens materiais, prazer, relações ideais e a um estilo de vida individualista e inatingível. Por outro lado, a palavra “bênção” tem origem nas línguas semitas e deriva da raiz hebraica בָּרַךְ (*barakh*), presente mais de 400 vezes na Bíblia, frequentemente associada ao nome de Deus. No estado verbal Piel, indica uma ação com início presente e cumprimento futuro, significando “dar poder”. Assim, a bênção, quando provém de Deus, adquire caráter de promessa, fundamentada em Sua onipotência.¹⁶

B – Comparação com o óleo (v.2a):

VanGemerem compara a unidade do povo de Deus ao óleo precioso usado na unção sacerdotal, simbolizando a consagração e a bênção divina. Esse óleo, exclusivo do tabernáculo, era aplicado sobre a cabeça de Arão e escorria até suas vestes, representando não apenas Arão, mas todo o sacerdócio. Essa imagem reforça a ideia de que a comunhão entre os irmãos reflete o sacerdócio de todos os crentes e a presença de Deus no meio do povo. A fluidez do óleo também simboliza a abundância e extensão da bênção divina entre os que vivem em harmonia.¹⁷

C – Ministério aarônico (v.2b):

Para Feitosa, a chamada bênção sacerdotal, também conhecida como bênção aarônica (Nm 6.24-26), é atribuída a Arão e seus descendentes, instituídos para o ofício sacerdotal (Êx 28.1-4), sendo considerada o trecho bíblico mais antigo encontrado até hoje. Essa fórmula litúrgica possui importância nas tradições judaica e cristã.¹⁸

A referência específica a Arão não deve ser limitada a ele, pois todo o sacerdócio era ungido com óleo. Aqui, Arão é o “cabeça” do clã sacerdotal. Seu nome representa todos os sacerdotes. Por meio da instituição sacerdotal, o Senhor assegurava ao seu povo perdão e bênçãos (Êx 29.44-46; Lv 9.22-24; Nm 6.24-26 - ACF). Ao mesmo tempo, a alusão ao Israel primitivo no deserto evoca a unidade das tribos ao redor do tabernáculo e o recebimento do ministério sumo sacerdotal de Arão após sua consagração com “óleo” (Lv 8.30 - ACF). A comparação ainda equipara a unidade da irmandade ao óleo abundante, que escorre da cabeça à barba e até as “vestes”.¹⁹

B’ – Comparação com o orvalho (v.3a):

Devido à grande altitude do monte Hermom (mais de 2.800 metros acima do nível do mar) e à precipitação em forma de chuva, neve e orvalho, o Hermom era conhecido por sua vegetação exuberante mesmo durante o verão (Sl 89.12 - ACF), bem como por seu orvalho, que sustentava essa vegetação. A experiência dos peregrinos é comparada a esse orvalho refrescante do Hermom. Durante os meses de verão (maio a outubro), praticamente não há

¹⁶ FEITOSA, Hugo Chagas. **A bênção de Aarão**: um estudo literário, histórico e teológico de Nm 6.22-27. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022, p. 56.

¹⁷ VANGEMEREN, 2008, p. 1273, tradução nossa.

¹⁸ FEITOSA, 2022, p. 15.

¹⁹ VANGEMEREN, 2008, p. 1273, tradução nossa.

precipitação em Jerusalém, nem mesmo orvalho. Nesse período ocorriam pelo menos duas peregrinações: a Festa das Primícias (maio/junho) e a Festa dos Tabernáculos (setembro). Independentemente das condições difíceis da peregrinação, da vida ou da natureza, a comunhão da irmandade do povo de Deus era revigorante.²⁰

A' – Bênção:

O salmista retorna ao tema da bênção (v.1). Onde o povo de Deus vive “em união” – יחד (yahad) – “ali” – שם (sham) – o Senhor envia sua bênção por meio do seu “ordenou” – צוה (tsivah). A natureza dessa bênção é especificada na segunda parte do versículo: “a vida para sempre” – לעולם ועד (ha-hayyim ‘ad ha-‘olam). A “vida”, com sua plenitude e alegria na presença de Deus, é um dom divino. O Salmo 133 reflete a capacidade de Israel de apreciar as alegrias simples e comuns da vida, atribuindo-as à generosidade bem ordenada de Yahweh. O termo “ali” (v.3b) é ambíguo: pode referir-se tanto ao Monte Sião quanto à comunhão entre os irmãos. Contudo, independentemente da interpretação, o sentido permanece: a vida plena e abençoada acontece na comunhão com o povo de Deus.²¹

Para Kidner, a segunda metade do v. 3, ressaltando fortemente a iniciativa de Deus (ordena) e aquilo que somente Ele pode dar (a vida para sempre), comprova outra ênfase do Salmo, “desce (2a) ... desce (2b) ... desce (3a). Em resumo: a verdadeira união, como todas as boas dádivas, vem de cima; é doada, ao invés de ser planejada, uma bênção, muito mais do que uma realização. No “ali” enfático de 3b, que dá o impacto final à mensagem do Salmo, há ironia inconsciente no fato de a palavra vir dos lábios de Davi. “Ali”, Jerusalém, onde os israelitas se encontravam nos átrios de Deus, foi onde se podia achar a concórdia celestial. Ao invés disto, porém, “ali” (2Sm 11.1 - ACF) foi o lugar onde Davi estava para trazer sobre seu povo a discórdia que se derramaria e se espalharia da sua própria casa para todos os cantos de seu reino.²²

2.6 Lexicologia do Salmo 133

O estudo do Salmo 133, com base em sua lexicologia, destaca, por exemplo, termos como *tôv*, *na'îm* e *berakhah*, embora com riqueza estética poética, expressam também uma teologia da comunhão. A união fraterna é apresentada como o espaço onde Deus manifesta sua presença e ordena a vida e a bênção de forma atemporal, conforme o quadro a seguir.

Quadro 2 - Lexicologia do Salmo 133

LEXICOLOGIA DO SALMO 133	
Texto base (ARA):	
<i>“Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!”</i>	
<i>[...] “Ali ordena o Senhor a sua bênção e a vida para sempre.”</i>	
טוֹב (tôv) – “bom”	
RAIZ TRILITERAL	ט-ו-ב (t-w-b)
CLASSE GRAMATICAL	Adjetivo (masculino singular)

²⁰ VANGEMEREN, 2008, p. 1273, tradução nossa.

²¹ VANGEMEREN, 2008, p. 1274, tradução nossa.

²² KIDNER, 1981, p. 462.

SIGNIFICADO	Aquilo que é moralmente ou esteticamente bom, agradável, benéfico.
USO TEOLÓGICO	Aparece já em Gênesis 1 (“e viu Deus que era bom”), o que associa a qualidade do “bom” à ordem criadora e à harmonia divina.
FONTE	HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento . São Paulo: Vida Nova, 1998, vol. 1, p. 381-384.
נָעִים (na'im) – “agradável”	
SIGNIFICADO	Belo, prazeroso, deleitável – em sentidos emocionais e sensoriais.
IMPLICAÇÃO	A convivência fraterna é mais que moralmente correta; é afetivamente prazerosa.
FONTE	BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon . Peabody: Hendrickson, 2005, p. 653 (tradução nossa).
יָחַד (yahad) – “juntos” / “em unidade”	
RAIZ E FORMA SIGNIFICADO TEOLÓGICO	advérbio coletivo, usado aqui para indicar harmonia entre pessoas. Unidade fraterna como reflexo da união do povo de Deus em aliança.
FONTE	VAN GEMEREN, Willem A. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo e do Novo Testamento . São Paulo: Vida Nova, 2001, vol. 2, p. 1124.
שָׁבַת (shevet) – “habitar” / “viver”	
VERBO RELACIONADO	יָשַׁב (yashav) , “assentar-se, permanecer, morar”.
SIGNIFICADO	Implica não apenas convivência, mas estabilidade, paz e comunhão duradoura.
FONTE	HOLLADAY, William L. Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento . Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.
אָחִים (ahim) – “irmãos”	
RAIZ	אָח (ah) , “irmão” no sentido literal e metafórico (companheiros, membros do povo).
USO NO AT	Comum em contextos de aliança tribal, nacional e espiritual.
FONTE	KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament . Leiden: Brill, 2001, vol. 1, p. 42-43 (tradução nossa).
צִוָּה (tzivah) – “ordenar”	
VERBO	צָוָה – verbo de ação com autoridade (Deus como comandante).
SIGNIFICADO	A bênção não é apenas desejada, mas decretada por Deus.
FONTE	HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento . São Paulo: Vida Nova, 1998. 2 v, p. 850-852.
בֵּרַךְהָ (berakhah) – “bênção”	
RAIZ TRILITERAL	ב-ר-ך (b-r-k)
SENTIDO LEXICAL	A raiz b-r-k possui duas vertentes de sentido principais: 1. Ação descendente de Deus para o ser humano – abençoar (Gn 1.28; Nm 6.24): conceder vida, fertilidade, prosperidade, paz. 2. Ação ascendente do homem para Deus, louvar ou exaltar (Sl 103.1): reconhecer a generosidade divina.
SIGNIFICADO	Favores divinos, prosperidade, vida, paz, frequentemente acompanhada de fertilidade e vitória.
CONTEXTO	A bênção é consequência e também fonte de vida em comunidade.

FONTE	RINGGREN, Helmer. “ברך”. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (orgs.). Teologia do Antigo Testamento : vocabulário teológico. São Paulo: Paulus, 1999. v. 2, p. 246.
	חַיִּים עַד־הָעוֹלָם (<i>hayyim ad-haolam</i>) – “vida para sempre”
TRADUÇÃO LITERAL	“vida até a eternidade”
TEOLOGIA	Indica plenitude e longevidade, podendo remeter à vida eterna (Dn 12.2).
FONTE	VON RAD, Gerhard. Teologia do Antigo Testamento . São Leopoldo: Sinodal, 1993. 2 vol.

3. APLICAÇÃO CRISTÃ DO TEXTO

Para Osborne, a interpretação bíblica responsável começa com a exegese do texto, o significado original pretendido pelo autor e seus leitores, mas só se completa na significação, ou seja, na aplicação relevante ao leitor contemporâneo. No caso do Salmo 133, por exemplo, captar a unidade fraterna como bênção divina no contexto histórico de peregrinação e culto é essencial para que essa verdade inspire, hoje, práticas comunitárias igualmente espirituais e concretas. A hermenêutica, nesse sentido, impede reduções subjetivistas e o uso de “textos-prova” descontextualizados, favorecendo uma leitura que respeita o sentido inspirado e seu impacto presente:

O significado pretendido pelo autor sagrado é o ponto de partida fundamental, mas não um alvo em si mesmo. O exercício da hermenêutica deve iniciar com a exegese, mas não termina antes que se chegue à contextualização do significado para hoje. São esses os dois aspectos vinculados ao que E. D. Hirsch chama de “significado” e “significação”, ou o significado original pretendido pelo autor e seus leitores (chamado “crítica da audiência”) como também sua significação para o leitor moderno.²³

Schökel afirma que, a tradição cristã reconheceu no Salmo 133 uma imagem viva da comunhão eclesial, pois o termo “irmãos” já designava os cristãos no Novo Testamento (1Co 5.11 - ACF). Para Paulo, a unidade entre os “irmãos” é essencial e sua quebra, repreensível (1Co 1.11; 6.5 - ACF). Santo Agostinho interpreta a comunhão fraterna como dom divino, comparando-a ao orvalho que une, e afirma que este Salmo inspirou a vida monástica: “soou por toda a terra e os que estavam separados se congregaram”. A imagem do perfume, por sua vez, é retomada na unção de Betânia (Jo 12) e na teologia paulina como “aroma de Cristo” (2Co 2.14-15 - ACF).²⁴

Por outro lado, a autenticidade do livro dos Salmos como Escritura é confirmada pelo próprio Jesus Cristo, ao instruir os discípulos no caminho de Emaús (Lc 24.44 - ACF). Ele afirma que era necessário que se cumprisse tudo o que d’Ele estava escrito “na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”, reconhecendo assim a tríplice divisão do cânon hebraico e destacando os Salmos como portadores de conteúdo messiânico. Embora, especificamente o Salmo 133, não seja um Salmo “messiânico”, essa declaração não apenas legitima o valor teológico dos

²³ OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 27.

²⁴ SCHÖKEL, 1996, p. 1537.

Salmos para os cristãos, mas também aponta para sua função profética no plano salvífico revelado nas Escrituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Salmo 133, embora breve, revela-se teologicamente profundo e liturgicamente significativo. Sua linguagem alegórica e sua estrutura poética, especialmente marcada pelo uso da raiz *yarad*, comunicam uma teologia do “descer”: a bênção que vem de cima, a partir de Deus, e se manifesta no seio da comunidade fraterna. A união entre os irmãos, simbolizada pela unção sacerdotal e pelo orvalho do Hermom, não é apenas uma experiência estética e socialmente agradável, mas um sinal visível da presença divina em meio ao povo de Deus.

A análise do Salmo sob a perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica evidenciou sua organização quiástica e sua cadência meditativa, além de reforçar que a comunhão fraterna ocupa o centro temático da composição. Como mostra o paralelismo entre o óleo e o orvalho, a verdadeira unidade é tanto santificadora quanto vivificadora, conectando o sacerdócio, a criação e a espiritualidade comunitária.

Historicamente situado no contexto das peregrinações a Jerusalém, o Salmo 133 expressa o ideal de um Israel unido, em contraste com divisões passadas e futuras. Para a fé cristã, esse ideal é ressignificado à luz da nova comunidade em Cristo, onde os “irmãos” se reconhecem como corpo, sacerdócio e templo vivo do Espírito. A menção explícita aos Salmos por Jesus (Lc 24.44 - ACF) legitima sua interpretação cristológica e confere autoridade à leitura do Salmo 133 como expressão da unidade eclesial.

Conclui-se, portanto, que a comunhão entre os irmãos, longe de ser um mero valor ético ou sociológico, é um dom ordenado por Deus e sinal da vida abundante prometida. A unção de Arão, nesse sentido, torna-se uma alegoria poderosa: onde há verdadeira unidade, ali o Senhor continua a ordenar sua bênção, e vida para sempre.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Antigo Testamento**: interlinear hebraico-português. Escritos. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2020. Vol. 4.

BÍBLIA. Português. Traduções Paralelas on-line. ARA: Almeida Revista e Atualizada. ACF: Almeida Corrigida Fiel. ARC: Almeida Revista e Corrigida. NVI: Nova Versão Internacional. NTLH: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. 2011. Aplicativo. Disponível em: <http://www.biblegateway.com/versions/>. Acesso em: 30 março. 2024.

BÍBLIA. Português. Nova Almeida Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BROWN, Francis; DRIVER, Samuel R.; BRIGGS, Charles A. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Peabody: Hendrickson, 2005.

FEITOSA, Hugo Chagas. **A bênção de Aarão**: um estudo literário, histórico e teológico de Nm 6.22-27. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

GONZAGA, Waldecir. **Palavra de Deus na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica**. Rio de Janeiro: PUC, 2023.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998. Vol. 2.

HOLLADAY, William L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KIDNER, Derek. **Salmos**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1981. Vol. 2.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 2001.

KRAUS, Hans Joachim. **Los Salmos**. Salamanca: Sigueme, 1995. Vol. 2.

MEISTER, Mauro. Salmo 133: interpretando o texto numa perspectiva bíblico-teológica. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 115–133, 2003. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/2_Salmo_133_Mauro_Meister.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

MITCHELL, David C. **The Songs of Ascents**. Cambridge: James Clarke & Co, 2015.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PERONDI, Ildo; CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. Quando se vive como irmão há bênção e vida para sempre! Uma análise do Salmo 133. **Estudos Bíblicos**, v. 31, n. 122, p. 175-188, abr./jun. 2014.

RINGGREN, Helmer. בָּרַךְ. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer. **Teologia do Antigo Testamento**: vocabulário teológico. São Paulo: Paulus, 1999. Vol. 2.

SCHÖKEL, Luís Alonso. **Salmos**. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1996. Vol. 2.

VANGEMEREN, Willem A. **Dicionário internacional de Teologia do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2001. Vol. 3.

VANGEMEREN, Willem A. **The expositor's Bible commentary Psalms**. 2.ed. Michigan: Zondervan, 2008.

VIEGAS, Alessandra Serra; GONZAGA, Waldecir. Salmo 121: YHWH está sempre a guardar! Por isso vou cantar! Análise retórica: tecendo uma “costura” que enlaça e une. **Cuestiones Teológicas**, Medellín-Colômbia, v. 46, n. 106, p. 196-222, jul./dez. 2019.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1993. Vol. 2.